

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

JANEIRO DE 1866

Nº 1



## As Mulheres têm Alma?

As mulheres têm alma? Sabe-se que a coisa nem sempre foi tida por certa, pois, ao que se diz, foi posta em deliberação num concílio. A negação ainda é um princípio de fé em certos povos. Sabe-se a que grau de aviltamento essa crença as reduziu na maior parte dos países do Oriente. Embora hoje, nos povos civilizados, a questão esteja resolvida em seu favor, o preconceito de sua inferioridade moral perpetuou-se a tal ponto que um escritor do século passado, cujo nome não nos vem à memória, assim definia a mulher: “Instrumento de prazer do homem”, definição mais muçulmana que cristã. Desse preconceito nasceu a sua inferioridade legal, ainda não apagada de nossos códigos. Durante muito tempo elas aceitaram essa submissão como uma coisa natural, tão poderosa é a força do hábito. Dá-se o mesmo com os que, votados à servidão de pai a filho, acabam por se julgar de natureza diversa da dos seus senhores.

Não obstante, o progresso das luzes resgatou a mulher na opinião. Muitas vezes ela se afirmou pela inteligência e pelo gênio e a lei, conquanto ainda a considerasse menor, pouco a pouco afrouxou os laços da tutela. Pode-se considerá-la como emancipada

moralmente, se não o é legalmente. É a este último resultado que ela chegará um dia, pela força das coisas.

Ultimamente lia-se nos jornais que uma jovem senhorita de vinte anos acabava de defender o bacharelado com pleno sucesso perante a faculdade de Montpellier. Dizia-se que era o quarto diploma concedido a uma mulher. Ainda não faz muito tempo foi agitada a questão de saber se o grau de bacharel podia ser conferido a uma mulher. Embora a alguns isto parecesse uma monstruosa anomalia, reconheceu-se que os regulamentos sobre a matéria não faziam menção às mulheres e, assim, elas não se achavam excluídas legalmente. Depois de terem reconhecido que elas tinham alma, lhes reconheceram o direito à conquista dos graus da Ciência, o que já é alguma coisa. Mas a sua libertação parcial é apenas resultado do desenvolvimento da urbanidade, do abrandamento dos costumes ou, se quiserem, de um sentimento mais exato da justiça; é uma espécie de concessão que lhes fazem e, é preciso que se diga, que lhes regateiam o mais possível.

Hoje, pôr em dúvida a alma da mulher seria ridículo; mas outra questão muito séria sob outro aspecto, aqui se apresenta, e cuja solução só pode ser estabelecida se a igualdade de posição social entre o homem e mulher for um direito natural, ou uma concessão feita pelo homem. Notemos, de passagem, que se esta igualdade não passar de uma concessão do homem por condescendência, aquilo que ele der hoje pode ser retirado amanhã, e que tendo para si a força material, salvo algumas exceções individuais, em massa ele sempre levará vantagem. Ao passo que se essa igualdade estiver na Natureza, seu reconhecimento será o resultado do progresso e, uma vez reconhecido, será imprescritível.

Teria Deus criado almas masculinas e femininas, fazendo estas inferiores àquelas? Eis toda a questão. Se assim fosse, a inferioridade da mulher estaria nos decretos divinos e nenhuma lei humana poderá transgredi-los. Tê-las-ia, ao contrário, criado

iguais e semelhantes? Nesse caso as desigualdades, baseadas na ignorância e na força bruta, desaparecerão com o progresso e o reinado da justiça.

Entregue a si mesmo, o homem não podia estabelecer a respeito senão hipóteses mais ou menos racionais, mas sempre questionáveis. Nada no mundo poderia dar-lhe a prova material do erro ou da verdade de suas opiniões. Para se esclarecer, seria preciso remontar à fonte, pesquisar nos arcanos do mundo extracorpóreo, que não conhece. Estava reservado ao Espiritismo resolver a questão, não mais pelos raciocínios, mas pelos fatos, quer pelas revelações de além-túmulo, quer pelo estudo que diariamente pode fazer sobre o estado das almas depois da morte. E, coisa capital, esses estudos não são o fato nem de um só homem, nem das revelações de um só Espírito, mas o produto de inúmeras observações idênticas, feitas todos os dias por milhares de indivíduos, em todos os países, e que assim receberam a sanção poderosa do controle universal, sobre o qual se apóiam todas as doutrinas da ciência espírita. Ora, eis o que resulta dessas observações.

As almas ou Espíritos não têm sexo. As afeições que os unem nada têm de carnal e, por isto mesmo, são mais duráveis, porque fundadas numa simpatia real e não são subordinadas às vicissitudes da matéria.

As almas se encarnam, isto é, revestem temporariamente um envoltório carnal, para elas semelhante a uma pesada vestimenta, de que a morte as desembaraça. Esse invólucro material, pondo-as em contato com o mundo material, nesse estado elas concorrem ao progresso material do mundo que habitam; a atividade a que são obrigadas a desenvolver, seja para a conservação da vida, seja para alcançarem o bem-estar, auxilia-lhes o avanço intelectual e moral. A cada encarnação a alma chega mais desenvolvida; traz novas idéias e os conhecimentos adquiridos nas

existências anteriores. Assim se efetua o progresso dos povos; os homens civilizados de hoje são os mesmos que viveram na Idade Média e nos tempos de barbárie, e que progrediram; os que viverem nos séculos futuros serão os de hoje, porém mais avançados, intelectual e moralmente.

Os sexos só existem no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais. Mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão pela qual os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.

Os Espíritos progredem pelos trabalhos que realizam e pelas provas que devem sofrer, como o operário se aperfeiçoa em sua arte pelo trabalho que faz. Essas provas e esses trabalhos variam conforme sua posição social. Devendo os Espíritos progredir em tudo e adquirir todos os conhecimentos, cada um é chamado a concorrer aos diversos trabalhos e a sujeitar-se aos diferentes gêneros de provas. É por isso que, alternadamente, nascem ricos ou pobres, senhores ou servos, operários do pensamento ou da matéria.

Assim se acha fundado, sobre as próprias leis da Natureza, o princípio da igualdade, pois o grande da véspera pode ser o pequeno do dia seguinte e reciprocamente. Desse princípio decorre o da fraternidade, visto que, em nossas relações sociais, reencontramos antigos conhecimentos, e no infeliz que nos estende a mão pode encontrar-se um parente ou um amigo.

É com o mesmo objetivo que os Espíritos se encarnam nos diferentes sexos; aquele que foi homem poderá renascer mulher, e aquele que foi mulher poderá nascer homem, a fim de realizar os deveres de cada uma dessas posições, e sofrer-lhes as provas.

A Natureza fez o sexo feminino mais fraco que o outro, porque os deveres que lhe incumbem não exigem igual força

muscular e seriam até incompatíveis com a rudeza masculina. Nela a delicadeza das formas e a finura das sensações são admiravelmente apropriadas aos cuidados da maternidade. Aos homens e às mulheres, são, pois, atribuídos deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas; são dois elementos que se completam um pelo outro.

Sofrendo o Espírito encarnado a influência do organismo, seu caráter se modifica conforme as circunstâncias e se dobra às necessidades e exigências que lhe impõe esse mesmo organismo. Esta influência não se apaga imediatamente após a destruição do envoltório material, assim como não perde instantaneamente os gostos e hábitos terrenos. Depois, pode acontecer que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa. Somente quando chegado a um certo grau de adiantamento e de desmaterialização é que a influência da matéria se apaga completamente e, com ela, o caráter dos sexos. Os que se nos apresentam como homens ou como mulheres, é para nos lembrar a existência em que os conhecemos.

Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual à vida corporal. Numa nova encarnação ele trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito; se for avançado, será um homem avançado; se for atrasado, será um homem atrasado. Mudando de sexo, sob essa impressão e em sua nova encarnação, poderá conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres.

Não existe, pois, diferença entre o homem e a mulher, senão no organismo material, que se aniquila com a morte do

corpo; mas quanto ao Espírito, à alma, ao ser essencial, imperecível, ela não existe, porque não há duas espécies de almas. Assim o quis Deus em sua justiça, para todas as suas criaturas. Dando a todas um mesmo princípio, fundou a verdadeira igualdade. A desigualdade só existe temporariamente no grau de adiantamento; mas todas têm direito ao mesmo destino, ao qual cada uma chega por seu trabalho, porque Deus não favoreceu ninguém à custa dos outros.

A doutrina materialista coloca a mulher numa inferioridade natural, da qual só é elevada pela boa vontade do homem. Com efeito, segundo essa doutrina, a alma não existe ou, se existe, extingue-se com a vida ou se perde no todo universal, o que vem a dar no mesmo. Assim, só resta à mulher a sua fraqueza corporal, que a põe sob a dependência do mais forte. A superioridade de algumas não passa de uma exceção, de uma bizzaria da Natureza, de um jogo de órgãos, e não poderia fazer lei. A doutrina espiritualista vulgar reconhece a existência da alma individual e imortal, mas é impotente para provar que não há diferença entre a do homem e a da mulher e, por conseguinte, uma superioridade natural de uma sobre a outra.

Com a Doutrina Espírita, a igualdade da mulher não é mais uma simples teoria especulativa; já não é uma concessão da força à fraqueza, mas um direito fundado nas próprias leis da Natureza. Dando a conhecer essas leis, o Espiritismo abre a era da emancipação legal da mulher, como abre a da igualdade e da fraternidade.

## Considerações Sobre a Prece no Espiritismo

Cada um é livre de encarar as coisas à sua maneira, e nós, que reclamamos esta liberdade para nós, não podemos recusá-la aos outros. Mas, do fato de uma opinião ser livre, não se segue

que não se possa discuti-la, examinar o lado forte e o fraco, pesar suas vantagens e inconveniências.

Dizemos isto a propósito da negação da utilidade da prece, que algumas pessoas queriam erigir em sistema, para disto fazerem a bandeira de uma escola dissidente. Essa opinião pode assim resumir-se:

“Deus estabeleceu leis eternas, a que todos os seres estão submetidos; nada lhe podemos pedir e não temos de agradecer-lhe nenhum favor especial; portanto, é inútil orar.

“Como a sorte dos Espíritos está traçada, é inútil orar por eles. Eles não podem mudar a ordem imutável das coisas; então é inútil pedir-lhes.

“O Espiritismo é uma ciência puramente filosófica; não só não é uma religião, como não deve ter nenhum caráter religioso. Toda prece dita nas reuniões tende a manter a superstição e a hipocrisia religiosa.”

A questão da prece já foi discutida bastante, de modo que é inútil repetir aqui o que se sabe a respeito. Se o Espiritismo proclama a sua utilidade, não é por espírito de sistema, mas porque a observação permitiu constatar a sua eficácia e o modo de ação. Desde que, pelas leis fluídicas, compreendemos o poder do pensamento, igualmente compreendemos o poder da prece, que é, ela também, um pensamento dirigido para um fim determinado.

Para algumas pessoas, a palavra *prece* só desperta a idéia de pedido; é grave erro. Em relação à Divindade é um ato de adoração, de humildade e de submissão, que não se pode recusar sem desconhecer o poder e a bondade do Criador. Negar a prece a Deus é reconhecer Deus como um fato, mas é recusar-se a lhe prestar homenagem; é, ainda, uma revolta do orgulho humano.

Em relação aos Espíritos, que mais não são que as almas de nossos irmãos, a prece é uma identificação de pensamentos, um testemunho de simpatia. Repeli-la é repelir a lembrança dos seres que nos são caros, porque essa lembrança simpática e benévola é, por si mesma, uma prece. Aliás, sabe-se que os que sofrem a reclamam com insistência, como um alívio às suas penas; se a pedem, é que dela necessitam. Recusá-la é recusar um copo d'água ao infeliz que está com sede.

Além da ação puramente moral, o Espiritismo nos mostra na prece um efeito de certo modo material, resultante da transmissão fluídica. Em certas moléstias sua eficácia é constatada pela experiência, conforme demonstra a teoria. Rejeitar a prece é, pois, privar-se de poderoso auxiliar para o alívio dos males corporais.

Vejamos agora qual seria o resultado dessa doutrina, e se ela tem alguma chance de prevalecer.

Todos os povos oram, dos selvagens aos homens civilizados; a isso são levados pelo instinto, e é o que os distingue dos animais. Sem dúvida oram de maneira mais ou menos racional, mas, enfim, oram. Os que, por ignorância ou presunção, não praticam a prece, formam no mundo insignificante minoria.

A prece é, pois, uma necessidade universal, independente das seitas e das nacionalidades. Depois da prece, se estávamos fracos, sentimo-nos mais fortes; se tristes, sentimo-nos mais consolados. Abolir a prece é privar o homem de seu mais poderoso apoio moral na adversidade. Pela prece ele eleva sua alma, entra em comunhão com Deus, identifica-se com o mundo espiritual, *desmaterializa-se*, condição essencial de sua felicidade futura; sem a prece, seus pensamentos ficam na Terra, ligam-se cada vez mais às coisas materiais. Daí um atraso no seu adiantamento.

Contestando um dogma, não nos pomos em oposição com a seita que o professa; negando a eficácia da prece, ferimos o sentimento íntimo da quase unanimidade dos homens. O Espiritismo deve as numerosas simpatias que encontra às aspirações do coração, e nas quais as consolações hauridas na prece entram com larga parte. Uma seita que se fundasse sobre a negação da prece, privar-se-ia do principal elemento de sucesso, a simpatia geral, porque, em vez de aquecer a alma, ela a congelaria; ao invés de a elevar, ela a rebaixaria. Se o Espiritismo deve ganhar em influência, é aumentando a soma de satisfações que proporciona. Aqueles que querem o novo no Espiritismo, seja a que preço for, para ligar seu nome a uma bandeira, que se esforcem para dar mais que ele; mas não é dando menos que o suplantarão. A árvore despojada de seus frutos saborosos e nutritivos será sempre menos atraente que a que deles está repleta. É em virtude do mesmo princípio que sempre temos dito aos adversários do Espiritismo: O único meio de o matar é dar algo de melhor, de mais consolador, que explique mais e mais satisfaça. É o que ninguém ainda fez.

Pode-se, pois, considerar a rejeição da prece, por parte de alguns crentes nas manifestações espíritas, como uma opinião isolada que pode ligar algumas individualidades, mas que jamais ligará a maioria. Seria erro imputar tal doutrina ao Espiritismo, pois ele ensina exatamente o contrário.

Nas reuniões espíritas, a prece predispõe ao recolhimento, à gravidade, condição indispensável, como se sabe, para as comunicações sérias. Significa dizer que devem ser transformadas em assembléias religiosas? Absolutamente. O sentimento religioso não é sinônimo de sectário de uma religião; deve-se mesmo evitar o que poderia dar às reuniões este último caráter. É com esse objetivo que temos desaprovado constantemente as preces e os símbolos litúrgicos de um culto qualquer. Não se deve esquecer que o Espiritismo tem em vista a aproximação das diversas comunhões; já não é raro ver nessas

reuniões confraternizarem representantes de diferentes cultos, razão por que nenhum deve arrogar-se a supremacia. Que cada um em particular ore como entender; é um direito de consciência; mas numa assembleia fundada sobre o princípio da caridade, deve-se abster de tudo quanto pudesse ferir as susceptibilidades e contribuisse para manter um antagonismo que, ao contrário, é preciso esforçar-se para fazer desaparecer. Preces especiais no Espiritismo não constituem um culto distinto, desde que não sejam impostas e cada um seja livre de dizer as que lhe convém; mas elas têm a vantagem de servir para todos e não chocar ninguém.

O mesmo princípio de tolerância e respeito pelas convicções alheias nos leva a dizer que toda pessoa razoável, que uma circunstância conduz ao templo de um culto de cujas crenças não partilha, deve abster-se de todo sinal exterior que pudesse escandalizar os assistentes; que ela deve, em caso de necessidade, sacrificar aos usos de pura forma, que em nada podem comprometer sua consciência. Que Deus seja adorado num templo de uma maneira mais ou menos lógica: isto não é motivo para escandalizar os que acham boa essa maneira.

Dissemos que o Espiritismo, dando ao homem uma certa soma de satisfações e provando um certo número de verdades, não poderia ser substituído senão por alguma coisa que desse mais e provasse mais que ele. Vejamos se isto é possível.

O que dá autoridade à doutrina é o fato de seus princípios não resultarem de uma idéia preconcebida ou de uma opinião pessoal; todos, sem exceção, resultam da observação dos fatos; só pelos fatos é que o Espiritismo chegou a conhecer a situação e as atribuições dos Espíritos, assim como as leis, ou melhor, uma parte das leis que regem suas relações com o mundo visível; isto é um ponto capital. Continuando a nos apoiar na observação, fazemos filosofia experimental e não especulativa. Para combater as teorias do Espiritismo, não basta, pois, dizer que são

falsas: é preciso opor-lhe fatos, cuja solução ele fosse impotente para dar. E mesmo neste caso ele se manterá sempre no nível, porque será contrário à sua essência obstinar-se numa idéia falsa, e sempre se esforçará por preencher as lacunas que possam apresentar-se, pois não tem a pretensão de ter chegado ao apogeu da verdade absoluta. Esta maneira de encarar o Espiritismo não é nova; pode-se vê-la em todos os tempos, formulada em nossas obras. Desde que o Espiritismo não se declara estacionário nem imutável, assimilará todas as verdades que forem demonstradas, venham de onde vierem, ainda que de seus antagonistas, e jamais ficará na retaguarda do progresso real. Assimilará essas verdades, dizemos, mas apenas quando forem claramente demonstradas, e não porque agradaria a alguém dá-las como tais, quer por seus desejos pessoais, quer como produto de sua imaginação. Estabelecido este ponto, o Espiritismo apenas perderia se se deixasse distanciar de uma doutrina que desse mais que ele; nada teria a temer das que dessem menos e restringissem o que constitui sua força e sua principal atração.

Se o Espiritismo ainda não disse tudo, há, não obstante, uma certa soma de verdades adquiridas pela observação e que constituem a opinião da imensa maioria dos adeptos; e se essas verdades hoje passaram ao estado de fé, para nos servirmos de uma expressão empregada ironicamente por alguns, não foi por nós, nem por ninguém, nem mesmo por nossos Espíritos instrutores que assim foram postas e, menos ainda, impostas, mas pela adesão de todo o mundo, pois cada um é livre de as constatar.

Se, pois, se formasse uma seita em oposição às idéias consagradas pela experiência e geralmente admitidas em princípio, não poderia conquistar as simpatias da maioria, cujas convicções chocasse. Sua existência efêmera extinguir-se-ia com seu fundador, talvez mesmo antes ou, pelo menos, com os poucos adeptos que tivesse podido reunir. Suponhamos o Espiritismo dividido em dez, em vinte seitas: a que tiver a supremacia e mais vitalidade será

naturalmente a que dará maior soma de satisfações morais, que encherá o maior número de vazios da alma, que se fundará nas provas mais positivas, e que melhor se porá em uníssonos com a opinião geral.

Ora, tomando como ponto de partida todos esses princípios na observação dos fatos, o Espiritismo não pode ser derrubado por uma teoria; mantendo-se constantemente no nível das idéias progressistas, não poderá ser ultrapassado; apoiando-se no sentimento da maioria, satisfaz as aspirações do maior número; fundado sobre essas bases, é imperecível, porque aí está a sua força.

Aí também está a causa do insucesso das tentativas feitas para lhe interporem obstáculos. No caso do Espiritismo há idéias profundamente antipáticas à opinião geral e esta as repele instintivamente. Construir sobre tais idéias, como ponto de apoio, um edifício ou esperanças quaisquer, é pendurar-se desastrosamente em galhos podres. Eis a que estão reduzidos os que, não tendo podido derrubar o Espiritismo pela força, tentam derrubá-lo por si mesmo.

## Necrológio

### MORTE DO SR. DIDIER, LIVREIRO-EDITOR

O Espiritismo acaba de perder um de seus adeptos mais sinceros e dedicados, na pessoa do Sr. Didier, morto sábado, 2 de dezembro de 1865. Era membro da Sociedade Espírita de Paris desde a sua fundação em 1858 e, como se sabe, editor de nossas obras sobre a doutrina. Na véspera assistia à sessão da Sociedade, e no dia seguinte, às seis horas da tarde, morria subitamente numa estação de ônibus, a alguns passos de seu domicílio, onde, felizmente se achava um de seus amigos, que o mandou transportar para casa. Suas exéquias realizaram-se terça-feira, 5 de dezembro.

O *Petit Journal*, anunciando a sua morte, acrescentou: “Nestes últimos tempos, o Sr. Didier havia editado as obras do Sr. Allan Kardec e tinha-se tornado, *por polidez de editor*, ou por convicção, um adepto do Espiritismo.”

Não pensamos que a mais requintada polidez obrigue um editor a esposar as opiniões de seus clientes, nem que deva tornar-se judeu, por exemplo, porque editasse as obras de um rabino. Tais restrições não são dignas de um escritor sério. Como qualquer outra, o Espiritismo é uma crença que conta mais de um livreiro em suas fileiras. Por que seria mais estranho que um livreiro fosse espírita do que católico, protestante, judeu, são-simonista, fourierista ou materialista? Quando, pois, os senhores livres-pensadores admitirão a liberdade de consciência para todo o mundo? Por acaso teriam eles a singular pretensão de explorar a intolerância em proveito próprio, depois de havê-la combatido nos outros? As opiniões espíritas do Sr. Didier eram conhecidas e ele jamais fez mistério, pois muitas vezes as discutia com os incrédulos. Sua convicção era profunda e de longa data, e não, como o supõe o autor do artigo, uma questão de circunstância ou uma polidez de editor. Mas é tão difícil a esses senhores, para quem a Doutrina Espírita está inteirinha no armário dos irmãos Davenport, concordar que um homem de notório valor intelectual creia nos Espíritos! Todavia, é preciso que se acostumem a essa idéia, pois há muitas outras que eles não imaginam e das quais não tardarão a ter a prova.

O *Grand Journal* o relata nestes termos:

“Morreu também o Sr. Didier, editor que publicou muitos livros, belos e bons, na sua modesta loja do quai des Grands-Augustins. Nestes últimos tempos o Sr. Didier era adepto – e o que mais vale ainda – um fervoroso editor de livros espíritas. O pobre homem deve saber agora o que pensar das doutrinas do Sr. Allan Kardec.”

É triste ver que nem mesmo a morte é respeitada pelos senhores incrédulos, que perseguem com os seus deboches os mais honrados adeptos, inclusive no além-túmulo. O que, em vida, pensava o Sr. Didier da doutrina? Um fato lhe provava a impotência dos ataques de que ela é objeto: é que, no momento de sua morte, ele imprimia a 14ª edição de *O Livro dos Espíritos*. Que pensa ele agora? é que haverá grandes desapontamentos e mais de uma defecção entre os seus antagonistas.

O que poderíamos dizer nesta circunstância acha-se resumido na alocação seguinte, pronunciada na Sociedade de Paris, em sua sessão de 8 de dezembro.

Senhores e caros colegas,

Mais um dos nossos acaba de partir para a pátria celeste! Nosso colega, Sr. Didier, deixou na terra seus despojos mortais para revestir o envoltório dos Espíritos.

Embora desde muito tempo e por diversas vezes sua frágil saúde tenha posto sua vida em perigo, e conquanto para nós, espíritas, a idéia da morte nada tenha de assustadora, seu fim, chegado tão inopinadamente, no dia imediato ao em que assistia à nossa sessão, causou entre nós todos profunda emoção.

Há nesta morte, por assim dizer fulminante, um grande ensinamento, ou melhor, uma grande advertência: é que nossa vida se mantém por um fio, que pode romper-se quando menos esperamos, pois muitas vezes a morte chega sem avisar. Assim adverte os sobreviventes para que estejam sempre preparados para responder ao chamado do Senhor e prestar conta do emprego da vida que Ele nos deu.

Se bem que, pessoalmente, o Sr. Didier não tomasse parte muito ativa nos trabalhos da Sociedade, onde raramente usava da palavra, não deixava de ser um dos membros mais considerados,

por sua ancianidade como membro fundador, por sua assiduidade e, sobretudo, por sua posição, sua influência e os incontestáveis serviços que prestou à causa do Espiritismo, como propagador e como editor. As relações que manteve com ele durante sete anos permitiram-me apreciar a sua retidão, a sua lealdade e as suas capacidades especiais. Sem dúvida, como cada um de nós, tinha suas pequenas imperfeições, que não agradavam a todos, por vezes, mesmo, uma certa rudeza, com a qual era preciso familiarizar-se, mas que nada tirava de suas eminentes qualidades; e o mais belo elogio que se lhe pode fazer é dizer que, em negócios, podia-se ir com ele de olhos fechados.

Comerciante, devia encarar as coisas comercialmente, mas não o fazia com mesquinhez e parcimônia. Era grande, generoso, sem avareza nas suas operações; o atrativo do ganho não o teria levado a empreender uma publicação que não lhe conviesse, por mais vantajosa que fosse. Numa palavra, o Sr. Didier não era o negociante de livros, a calcular seu lucro centavo por centavo, mas o editor inteligente, justo apreciador, consciencioso e prudente, tal qual era preciso para fundar uma casa séria como a sua. Suas relações com o mundo culto, pelo qual era amado e estimado, tinham desenvolvido suas idéias e contribuído para dar à sua livraria acadêmica o caráter grave que dela fez uma casa de primeira ordem, menos pela cifra dos negócios do que pela especialidade das obras que explorava, e pela consideração comercial que, merecidamente, desfrutava há longos anos.

No que me concerne, congratulo-me por tê-lo encontrado em meu caminho, o que, sem dúvida, devo à assistência dos Espíritos bons; e digo com toda sinceridade que nele o Espiritismo perde um apoio e eu um editor, tanto mais precioso quanto, entrando perfeitamente no espírito da doutrina, tinha verdadeira satisfação em propagá-la.

Algumas pessoas ficaram surpresas porque não tomei da palavra em seu enterro. Os motivos de minha abstenção são muito simples.

Antes de mais, direi que a família, não me tendo manifestado desejo, eu não sabia se isto lhe seria ou não agradável. O Espiritismo, que aos outros censura impor-se, não deve incorrer na mesma condenação; jamais se impõe; espera que venham a ele.

Além disso, eu previa que a assistência seria numerosa e que, no número, se encontrariam muitas pessoas pouco simpáticas, ou mesmo hostis, às nossas crenças. Naquele momento solene, além de ter sido pouco conveniente vir chocar publicamente convicções contrárias, isto poderia fornecer aos nossos adversários um pretexto para novas agressões. Neste tempo de controvérsia, talvez tivesse sido uma ocasião de dar a conhecer a doutrina; mas não teria sido esquecer o piedoso motivo que nos reunia? Faltar com o devido respeito à memória daquele que acabávamos de saudar em sua partida? Era sobre um túmulo aberto que convinha contra-atacar? Havereis de convir, senhores, que o momento teria sido mal escolhido. O Espiritismo ganhará sempre mais com a estrita observação das conveniências do que perderá em deixar escapar uma ocasião de se mostrar. Ele sabe que não precisa de violência; visa ao coração: seus meios de sedução são a doçura, a consolação e a esperança; é por isto que encontra cúmplices até nas fileiras inimigas. Sua moderação e seu espírito conciliador nos põem em relevo *por contraste*; não percamos essa preciosa vantagem. Busquemos os corações aflitos, as almas atormentadas pela dúvida: seu número é grande; lá estarão os nossos mais úteis auxiliares; com eles faremos mais prosélitos do que com anúncios publicitários e encenações.

Sem dúvida eu poderia ter-me limitado a generalidades e fazer abstração do Espiritismo. Mas tal reticência, de minha parte, poderia ter sido interpretada como medo ou uma espécie de

negação dos nossos princípios. Em semelhante circunstância só posso falar sem rodeios ou calar-me; foi esse último partido que tomei. Se se tivesse tratado de um discurso comum e sobre um assunto banal, outra teria sido minha atitude. Mas aqui o que eu pudesse ter dito deveria ter um caráter especial.

Poderia ter-me ainda limitado à prece que se acha em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, pelos que acabam de deixar a Terra e que, em semelhantes casos, produz sempre uma sensação profunda. Mas aqui se apresentaria um outro inconveniente. O eclesiástico que acompanhou o corpo ao cemitério ficou até o fim da cerimônia, contrariamente aos hábitos ordinários; ouviu com redobrada atenção o discurso do Sr. Flammarion e talvez esperasse, em razão das opiniões muito conhecidas do Sr. Didier e de suas relações com o Espiritismo, por alguma manifestação mais explícita. Depois das preces que acabava de dizer e que, em sua alma e consciência eram suficientes, vir em sua presença dizer outras, que são toda uma profissão de fé, um resumo dos princípios que não são os seus, teria parecido uma bravata, que não está no espírito do Espiritismo. É possível que algumas pessoas não se tivessem contrariado vendo o efeito do conflito tácito que daí poderia resultar: era o que as simples conveniências me mandavam evitar. As preces que cada um de nós disse em particular, e que podemos dizer entre nós, serão tão proveitosas ao Sr. Didier, se ele as necessitar, quanto se tivessem sido feitas com ostentação.

Crede bem, senhores, que eu tenho no coração, tanto quanto qualquer outro, os interesses da doutrina e que, quando faço ou não faço uma coisa, é com madura reflexão e depois de ter pesado as conseqüências.

Nossa colega, Sra. R..., veio da parte de alguns assistentes solicitar-me que tomasse a palavra. Pessoas que não conhecia, acrescentou ela, acabavam de dizer-lhe que tinham vindo ao cemitério na expectativa de me ouvir. Sem dúvida era muito

lisonjeiro para mim, mas, da parte de tais pessoas, era enganar-se redondamente quanto ao meu caráter pensar que um excitante do amor-próprio pudesse animar-me a falar para satisfazer a curiosidade dos que tinham vindo por outro motivo que não o de render homenagem à memória do Sr. Didier. Por certo essas pessoas ignoram que, se me repugna impor-me, também não gosto de me exhibir. É o que a Sra. R... lhes devia ter respondido, acrescentando que ela me conhecia e me estimava bastante para estar certa de que o desejo de me pôr em evidência não teria qualquer influência sobre mim.

Em outras circunstâncias, senhores, eu teria considerado um dever, teria ficado feliz ao prestar ao nosso colega um público testemunho de afeição em nome da Sociedade, representada em suas exéquias por um grande número de seus membros. Mas como os sentimentos estão mais no coração que na demonstração, sem dúvida cada um de nós já lho havia prestado do foro íntimo. Neste momento em que estamos reunidos, paguemolhe entre nós o tributo do nosso pesar, da estima e da simpatia que ele merece e esperemos que ele se digne voltar entre nós, como no passado, e continuar, como Espírito, a tarefa espírita que havia empreendido como homem.

## Correspondência

### CARTA DO SR. JAUBERT

“Eu vos peço, meu caro Sr. Kardec, inserir a carta seguinte no próximo número da vossa Revista. Certamente sou pouca coisa, mas, enfim, tenho a minha apreciação e a imponho à vossa modéstia. Por outro lado, quando se trava a batalha, quero provar que estou sempre em atividade, com minhas dragonas de lâ.”

*Jaubert*

Sem a obrigação que nos é imposta, em termos tão precisos, compreender-se-ão os motivos que nos teriam impedido de publicar esta carta. Nós nos teríamos contentado em conservá-la como um honroso e precioso testemunho e juntá-la às numerosas causas de satisfação moral que nos vêm sustentar e encorajar em nosso rude labor, e compensar as tribulações inseparáveis de nossa tarefa. Mas, por outro lado, posta de lado a questão pessoal, neste tempo de exaltação contra o Espiritismo, os exemplos de coragem de opinião são tanto mais influentes quando partem do mais alto. É útil que a voz dos homens de coração, dos que, por seu caráter, suas luzes e sua posição impõem respeito e confiança, se façam ouvir; e se ela não puder dominar os clamores, tais protestos não ficarão perdidos nem no presente nem no futuro.

Carcassonne, 12 de dezembro de 1865.

Senhor e caro mestre,

Não quero deixar findar o ano de 1865 sem lhe render graça por todo o bem que fez ao Espiritismo. Nós lhe devemos a *Pluralidade das existências da alma*, por André Pezzani; a *Pluralidade dos mundos habitados*, por Camille Flammarion: dois gêmeos que mal nascem e já dão passos tão largos no mundo filosófico.

Nós lhe devemos um livro, pequeno por suas páginas, mas grande por seus pensamentos; a simplicidade nervosa de seu estilo o disputa à severidade de sua lógica. Contém em germe a teologia do futuro; tem a calma da força e a força da verdade. Eu gostaria que o volume intitulado *O Céu e o Inferno* fosse editado aos milhões de exemplares. Perdoai-me este elogio: vivi muito para ser entusiasta e tenho horror à bajulação.

O ano de 1865 nos dá *Esprita*, novela fantástica. A literatura se decide a fazer invasão em nosso domínio. O autor não tirou do Espiritismo todos os ensinamentos que ele encerra. Põe em destaque a idéia capital, essencial: a demonstração da alma imortal pelos fenômenos. Os quadros do pintor me pareceram deslumbrantes; não posso resistir ao prazer de uma citação.

“*Espírita*, a amante de Guy de Malivert, ignorada na Terra, acaba de morrer. Ela mesma descreve suas primeiras sensações.

“O instinto da Natureza ainda lutava contra a destruição. Mas logo cessou essa luta inútil; e, num fraco suspiro, minha alma exalou-se de meus lábios.

“Palavras humanas não podem descrever a sensação de uma alma que, liberta de sua prisão corporal, passa desta à outra vida, do tempo à eternidade e do finito ao infinito. Meu corpo imóvel e já revestido dessa brancura mate, entregue à morte, jazia no leito fúnebre, cercado de religiosas em prece, e dele eu estava tão destacada quanto o pode estar a borboleta de sua crisálida, casulo vazio, despojo informe, para abrir suas jovens asas à luz desconhecida e subitamente revelada. A uma intermitência de sombra profunda havia sucedido um deslumbramento de esplendor, um alargamento de horizonte, um desaparecimento de todo limite e de todo obstáculo, que me inebriava de um júbilo indizível. Explosões de sentidos novos me faziam compreender os mistérios impenetráveis ao pensamento e aos órgãos terrestres. Desembaraçada dessa argila, submetida às leis da gravidade que até há pouco me tornavam mais pesada, eu me lançava com uma celeridade louca no éter insondável. As distâncias não existiam mais para mim e meu simples desejo me levava onde eu queria estar. Traçava grandes círculos, num vôo mais rápido que a luz, através do azul indefinido dos espaços, como se quisesse me apossar da imensidade, cruzando com uma multidão de almas e de Espíritos.”

E a tela se desenrola sempre mais esplêndida. Ignoro se, no fundo da alma, o Sr. Théophile Gautier é espírita; mas, com certeza, ele serve aos materialistas, aos descrentes a bebida salutar em taças de ouro magnificamente cinzeladas.

Eu ainda bendigo o ano de 1865 pelas grandes cóleras que ele encerrava em seus flancos. Ninguém se engane com isto: os

irmãos Davenport são menos causa do que pretexto para a cruzada. Soldados de todos os uniformes apontaram contra nós os seus canhões. Que provaram, então? A força e a resistência da cidadela sitiada. Conheço um jornal do sul muito propalado, muito estimado que, com todo o direito, enterra o Espiritismo uma vez por mês, e isto há bastante tempo; conseqüentemente, o Espiritismo ressuscita pelo menos doze vezes por ano. Vereis que eles o tornarão imortal de tanto o matar.

Agora não tenho mais senão os meus votos de Ano-Novo. Os primeiros são para vós, senhor e caro mestre, pela vossa felicidade, pela vossa obra tão valentemente empreendida e tão dignamente perseguida.

Faço votos pela união íntima de todos os espíritas. Vi com pesar algumas nuvens leves caindo em nosso horizonte. Quem nos amará se não nos soubermos amar? Como dizeis muito bem no último número de vossa *Revista*: “*Quem quer que creia na existência e na sobrevivência das almas, e na possibilidade das relações entre os homens e o mundo espiritual, é espírita.*” Que esta definição permaneça, e sobre este terreno sólido estaremos sempre de acordo. E agora, se detalhes da doutrina, mesmo importantes, por vezes nos dividem, discutamo-los, não como fraticidas, mas como homens que só têm um objetivo: o triunfo da razão e, pela razão, a busca do verdadeiro e do belo, o progresso da Ciência, a ventura da Humanidade.

Ficam os meus mais ardentes votos, os mais sinceros; eu os dirijo a todos os que se dizem nossos inimigos: que Deus os ilumine!

Adeus, senhor; recebei para vós e para todos os nossos irmãos de Paris a certeza de meus sentimentos afetuosos e de minha distinta consideração.

*T. Jaubert,*  
*Vice-Presidente do Tribunal*

Qualquer comentário sobre esta carta seria supérfluo; apenas acrescentaremos uma palavra: é que homens como o Sr. Jaubert honram a bandeira que carregam. Sua apreciação tão judiciosa sobre a obra do Sr. Théophile Gautier nos dispensa do relato que dela nos propúnhamos fazer este mês. Nós a lembraremos no próximo número.

## A Jovem Cataléptica da Suábia

### ESTUDO PSICOLÓGICO

Sob o título de *Segunda vista*, vários jornais reproduziram o seguinte fato, entre outros o *Patrie* de 26 e o *Evénement* de 28 de novembro.

“Espera-se em Paris a chegada próxima de uma jovem, originária da Suábia, cujo estado mental apresenta fenômenos que deixam muito longe as trapaças dos irmãos Davenport e outros espíritas.

“Com dezesseis anos e meio, Louise B... mora com seus pais, proprietários-cultivadores no lugar chamado Bondru (Seine-et-Marne), onde se estabeleceram depois de haver deixado a Alemanha.

“Em consequência de violento pesar, causado pela morte de sua irmã, Louise caiu num sono letárgico, que durou cinquenta e seis horas. Após esse lapso de tempo despertou, não para a vida real e normal, mas para uma existência estranha, que se resume nos fenômenos seguintes:

“Louise perdeu subitamente a sua vivacidade e a sua alegria, embora sem sofrer, mas caindo numa espécie de beatitude, que se alia à mais profunda calma. Durante o dia inteiro fica imóvel numa cadeira, respondendo apenas por monossílabos às perguntas

que lhe são feitas. Chegada a noite, cai num estado cataléptico, caracterizado pela rigidez dos membros e a fixidez do olhar.

“Neste momento as faculdades e os sentidos da jovem adquirem uma sensibilidade e um alcance que ultrapassam os limites fixados ao poder humano. Não somente ela possui o dom da segunda vista, mas também o da segunda audição, isto é, ouve palavras proferidas perto de si, como as que são pronunciadas num local mais ou menos afastado, para o qual concentra sua atenção.

“Nas mãos da cataléptica, cada objeto adquire para ela uma imagem dupla. Como todo mundo, tem o sentimento da forma e da aparência exterior do objeto; além disso, vê distintamente a representação de seu interior, isto é, o conjunto das propriedades que possui e os usos a que se destina na ordem da criação.

“Num grande número de plantas, de amostras metálicas e mineralógicas, submetidas à sua inconsciente apreciação, assinalou virtudes latentes e inexploradas, que reportam o pensamento às descobertas dos alquimistas da Idade Média.

“Louise experimenta efeito análogo em relação ao aspecto das pessoas com as quais entra em comunicação pelo contato das mãos. Ela as vê ao mesmo tempo tais quais são e tais quais foram em idade menos avançada. Os sinais de envelhecimento e de doença desaparecem aos seus olhos e, se alguém perdeu algum membro, para ela é como se ainda subsistisse.

“A jovem camponesa pretende que, protegida contra todas as modificações da ação vital exterior, *a forma corporal continua integralmente reproduzida pelo fluido nervoso.*

“Transportada a lugares onde se acham túmulos, Louise vê e descreve da maneira que acabamos de referir, as pessoas cujos despojos foram confiados à terra. Então sofre espasmos e crises

nervosas, do mesmo modo que quando se aproxima dos locais onde existem água e metais, seja qual for a profundidade do solo em que se encontrem.

“Quando a jovem Louise passa da vida ordinária a esse modo de vida, que se pode chamar superior, parece que um espesso véu cai de seus olhos.

“Para ela a Criação, explicada de maneira nova, representa objeto de inexaurível admiração e, embora iletrada encontra, para exprimir seu entusiasmo, comparações e imagens verdadeiramente poéticas.

“Nenhuma preocupação religiosa se mistura a essas impressões. Os pais, longe de achar nesses fenômenos insólitos motivo de especulação, ocultam-nos com o maior cuidado. Se se decidem a trazer, sem ruído, a mocinha a Paris, é porque essa superexcitação constante do sistema nervoso exerce sobre seus órgãos uma influência destrutiva e ela definha a olhos vistos. Os médicos que dela cuidam opinaram que a levassem à capital, tanto para reclamar o auxílio dos mestres na arte de curar, quanto para submeter à Ciência fatos que escapam da esfera ordinária de suas investigações, e cuja explicação ainda não foi encontrada.”

Diz o autor do artigo que os fenômenos apresentados por essa jovem deixam muito longe as trapaças dos irmãos Davenport e outros espíritas. Se esses fenômenos são reais, que relações podem ter com malabarismos? Por que essa comparação entre coisas desiguais, e dizer que uma ultrapassa a outra? Com intenção de lançar uma pequena maldade contra o Espiritismo, o autor anuncia, sem o querer, uma grande verdade, em apoio do que quer denegrir; proclama um fato essencialmente espírita, que o Espiritismo reconhece e aceita como tal, ao passo que jamais tomou os Srs. Davenport sob seu patrocínio e, ainda menos, os apresentou como adeptos e apóstolos. É o que esses senhores

jornalistas saberiam, se tivessem levado em conta os inúmeros protestos que lhes chegaram de toda parte contra a assimilação que pretenderam estabelecer entre uma doutrina essencialmente moral e filosófica e exhibições teatrais.

A explicação desse fenômeno, dizem, ainda não foi dada pela ciência oficial; isto é certo. Mas, para a ciência espírita, há muito tempo isto não é mais mistério. Contudo, não faltam meios de esclarecer. Os casos de catalepsia, de dupla vista e de sonambulismo natural, com as estranhas faculdades que se desenvolvem nesses diversos estados, não são raros. Por que a Ciência ainda está à procura de sua explicação? É que a Ciência se obstina em buscá-la onde não está, onde jamais a encontrará: nas propriedades da matéria.

Eis um homem que vive: pensa, raciocina; um segundo depois morre; não dá mais nenhum sinal de inteligência. Então havia nele, enquanto pensava, algo que já não existe, pois não pensa mais. O que pensava nele? Dizeis que é a matéria. Mas a matéria continua sempre lá, intacta, sem uma parcela a menos. Por que, então, pensava há poucos instantes e agora não pensa mais? – É porque está desorganizada; sem dúvida as moléculas se desagregaram; talvez se tenha rompido uma fibra; um nada se desarranjou e o movimento intelectual parou. – Eis assim o gênio, as maiores concepções humanas à mercê de uma fibra, de um átomo imperceptível, e perdidos os esforços de toda uma vida de labor! De todo esse mobiliário intelectual, adquirido a duras penas, nada resta; a mais vasta inteligência não passa de pêndulo bem montado que, uma vez deslocado, só serve como ferro velho! É pouco lógico e pouco encorajador; com tal perspectiva, sem dúvida seria melhor cuidar apenas de comer e beber. Mas, enfim, é um sistema.

Segundo vós, a alma é apenas uma hipótese. Mas essa hipótese não se torna realidade em casos análogos ao da jovem em

questão? Aqui a alma se mostra a descoberto; não a percebeis, mas a vedes pensar e agir isoladamente do envoltório material; transporta-se para longe; vê e ouve, apesar do estado de insensibilidade dos órgãos. Pode-se explicar só pelos órgãos fenômenos que se passam fora de sua esfera de ação? E nisto não está a prova da independência da alma? Como, pois, não reconhecê-la por sinais tão evidentes? É que, para isto, seria preciso admitir a intervenção da alma nos fenômenos patológicos e fisiológicos, que, assim, deixariam de ser exclusivamente materiais. Ora, como reconhecer um elemento espiritual nos fenômenos da vida, quando, constantemente, se tem dito o contrário? É o que não podem decidir, pois seria preciso admitir que se haviam enganado; e é duro, para certos amores-próprios, receberem um desmentido da própria alma que negaram. Assim, desde que ela se mostra em qualquer parte com muita evidência, logo se apressam em cobri-la com um alqueire e não se ouve mais falar no assunto. Assim sucedeu com o hipnotismo e tantas outras coisas. Queira Deus que assim não aconteça com Louise B... Para liquidar a questão, dizem que esses fenômenos são ilusões, e que seus promotores são loucos ou charlatães.

Tais são as razões que fizeram negligenciar o estudo tão interessante e tão fecundo em resultados morais dos fenômenos psico-fisiológicos; tal é, também, a causa da repulsa do materialismo pelo Espiritismo, que repousa inteiramente nas manifestações ostensivas da alma, durante a vida e depois da morte.

Mas, dirão, o partido religioso, fustigado pelo materialismo, deve acolher com ardor os fenômenos que vêm derrubar a incredulidade pela evidência. Por que, então, em vez de os transformar em arma, os repele? É que a alma é uma indiscreta, que vem apresentar-se em condições muito diversas do estado em que no-la mostram, e sobre o qual construíram todo um sistema; teriam de voltar a crenças que dizem imutáveis; depois ela vê bem claro; assim, era preciso interditar-lhe a palavra. Mas não contaram

com a sua sutileza: ela não pode ser encerrada como um pássaro numa gaiola; se lhe fecham uma porta, ela abre mil outras. Hoje ela se faz ouvir em toda parte, para dizer de um a outro extremo do mundo: eis o que somos. Muito hábeis serão os que a impedirem.

Voltemos ao nosso assunto. A jovem em questão oferece o fenômeno, muito comum em casos semelhantes, da extensão das faculdades. Essa extensão, diz o artigo, atinge um alcance que ultrapassa os limites fixados ao poder humano. Deve-se distinguir aqui duas ordens de faculdades: as faculdades perceptivas, isto é, a visão e a audição, e as faculdades intelectuais. As primeiras são postas em atividade pelos agentes exteriores, cuja ação repercute no interior; as segundas constituem o pensamento que irradia do interior para o exterior. Inicialmente falemos das primeiras.

No estado normal, a alma percebe por intermédio dos sentidos. Aqui a jovem percebe o que está fora do alcance da vista e do ouvido; vê no interior das coisas, penetra os corpos opacos, descreve o que se passa longe; portanto, vê de outro modo que não pelos olhos e ouve de outra forma que não pelo ouvido, e isto num estado em que o organismo é acometido de insensibilidade. Se se tratasse de um fato único, excepcional, poder-se-ia atribuí-lo a um capricho da Natureza, a uma espécie de monstruosidade; mas é muito comum. Mostra-se de maneira independente, embora em graus diferentes, na maior parte dos casos de catalepsia, na letargia, no sonambulismo natural e artificial, e mesmo em numerosos indivíduos que têm todas as aparências de estado normal. Produz-se, pois, em virtude de uma lei. Como a Ciência, que leva suas investigações ao movimento de atração do mais insignificante grão de poeira, tenha negligenciado um fato tão capital?

O desenvolvimento das faculdades intelectuais é ainda mais extraordinário. Eis uma jovem, uma camponesa analfabeta, que não só se exprime com elegância, com poesia, mas em quem se

revelam conhecimentos científicos sobre coisas que não aprendeu e – circunstância não menos singular – isto ocorre num estado particular, ao sair do qual tudo é esquecido: volta a ser tão ignorante quanto antes. Entrando no estado extático, a lembrança lhe volta com as mesmas faculdades e os mesmos conhecimentos; para ela são duas existências distintas.

Se, conforme a escola materialista, são produto direto dos órgãos; se, para nos servirmos da expressão desta escola, “o cérebro secreta o pensamento, como o fígado secreta a bile”, então também secreta *conhecimentos acabados*, sem o concurso de um professor. É uma propriedade que ainda não se conhecia nesse órgão. Nessa mesma hipótese, como explicar esse desenvolvimento intelectual extraordinário, essas faculdades transcendentais, alternadamente possuídas, perdidas e recobradas quase instantaneamente, enquanto o cérebro é sempre o mesmo? Não está aí a prova patente da dualidade do homem, da separação do princípio material e do princípio espiritual?

Aí, nada ainda de excepcional: esse fenômeno é tão comum quanto o da extensão da visão e da audição. Como este último, depende, pois, de uma lei. São essas leis que o Espiritismo procurou e a observação lhe deu a conhecer.

A alma é o ser inteligente; nela está a sede de todas as percepções e de todas as sensações; ela sente e pensa por si mesma; é individual, distinta, perfectível, preexistente e sobrevivente ao corpo. O corpo é o seu invólucro material: é o instrumento de suas relações com o mundo visível. Durante sua união com o corpo, ela percebe por meio dos sentidos, transmite seu pensamento com a ajuda do cérebro; separada do corpo, percebe diretamente e pensa mais livremente. Tendo os sentidos um alcance circunscrito, as percepções recebidas por seu intermédio são limitadas e, de certo modo, amortecidas; recebidas sem intermediário, são indefinidas e de uma sutileza surpreendente, porque ultrapassa, não a força

humana, mas todos os produtos de nossos meios materiais. Pela mesma razão, o pensamento transmitido pelo cérebro se peneira, a bem dizer, através desse órgão. A grosseria e os defeitos do instrumento a paralisam e em parte a abafam, como certos corpos transparentes absorvem uma parte da luz que os atravessa. Obrigada a servir-se do cérebro, a alma é como um músico muito bom, diante de um instrumento imperfeito. Livre desse incômodo auxiliar, desdobra todas as suas faculdades.

Tal é a alma durante a vida e depois da morte. Para ela há, portanto, dois estados: o de encarnação ou de constrangimento, e o de desencarnação ou de liberdade; em outras palavras: o da vida corporal e o da vida espiritual. A vida espiritual é a vida normal, permanente da alma; a vida corporal é transitória e passageira.

Durante a vida corporal, a alma não sofre constantemente o constrangimento do corpo, e aí está a chave dos fenômenos físicos, que só nos parecem estranhos porque nos transportam para fora da esfera habitual de nossas observações. Qualificaram-nos de sobrenaturais, embora, na realidade, estejam submetidos a leis perfeitamente naturais, porque essas leis nos eram desconhecidas. Hoje, graças ao Espiritismo, que deu a conhecer essas leis, desapareceu o maravilhoso.

Durante a vida exterior de relação, o corpo necessita de sua alma ou Espírito por guia, a fim de o dirigir no mundo; mas nos momentos de inatividade do corpo, a presença da alma não é mais necessária; dele se desprende, sem, contudo, deixar de a ele se prender por um laço fluídico, que a ele o chama, tão logo se fizer necessária a sua presença. Nesses momentos recobra parcialmente a liberdade de agir e de pensar, da qual só desfrutará completamente depois da morte do corpo, quando deste estará completamente separada. Esta situação foi espiritualmente e muito veridicamente descrita pelo Espírito de uma pessoa viva, que se comparava a um balão cativo, e por um outro, o Espírito de um

idiota vivo, que dizia ser como um pássaro, amarrado pela pata. (*Revista Espírita*, junho de 1860).

Esse estado, que chamamos *emancipação da alma*, ocorre normalmente e periodicamente durante o sono. Só o corpo repousa para recuperar as perdas materiais; mas o Espírito, que nada perdeu, aproveita essa pequena trégua para se transportar para onde queira. Além disso, tal estado também ocorre toda vez que uma causa patológica, ou simplesmente fisiológica, produz a inatividade total ou parcial dos órgãos da sensação e da locomoção. É o que se passa na catalepsia, na letargia, no sonambulismo. O desprendimento ou, se se quiser, a liberdade da alma, é tanto maior quanto mais absoluta a inércia do corpo. É por essa razão que o fenômeno adquire seu maior desenvolvimento na catalepsia e na letargia. Nesse estado, a alma não percebe mais pelos sentidos materiais, mas, se assim nos podemos exprimir, pelo *sentido psíquico*; é por isso que suas percepções ultrapassam os limites ordinários; seu pensamento age sem a intercessão do cérebro, razão por que desdobra faculdades mais transcendentais que no estado normal. Tal é a situação da jovem B...; também ela diz, e com razão, que “quando passa da vida ordinária a esse modo de vida superior, parece-lhe que um espesso véu cai de seus olhos.” Tal é, também, a causa do fenômeno da *segunda vista*, que não é senão a visão direta pela alma; da visão a distância, que resulta do transporte da alma ao lugar que ela descreve; da lucidez sonambúlica, etc.

“Quando Louise B... vê pessoas vivas, os sinais de envelhecimento desaparecem, e se alguém perdeu algum membro, para ela é como se ainda subsistisse; a forma corporal continua integralmente *reproduzida pelo fluido nervoso*.” Se ela visse simplesmente o corpo, vê-lo-ia tal qual é; o que ela vê é o envoltório fluídico; o corpo material pode ser amputado: o perispírito não o é; o que aqui se designa por *fluido nervoso* não é senão o *fluido perispiritual*.

Ela vê também os que estão mortos; então lhes resta alguma coisa. Que vê ela? Não pode ser o corpo, que não mais existe; no entanto, os vê com uma forma humana, a que possuíam em vida. O que ela vê é a alma, revestida de seu corpo fluídico ou perispírito. Portanto, as almas sobrevivem ao corpo e, assim, não são seres abstratos, centelhas, chamas, sopros perdidos na imensidade do reservatório comum, mas seres reais, distintos, circunscritos, individuais. Se tanto vê os mortos como os vivos, é porque os vivos têm, como os mortos, o mesmo corpo fluídico imperecível, ao passo que o grosseiro envoltório material se dissolve com a morte. Ela não vê almas perdidas nas profundezas infinitas do espaço, mas em meio a nós, o que prova a existência do mundo invisível que nos rodeia, e em cujo meio vivemos sem o suspeitar.

Tais revelações não levam a refletir seriamente? Quem pôde dar tais idéias a essa moça? A leitura de obras espíritas? Mas ela não sabe ler. A convivência com os espíritas? Ela nunca ouviu falar deles. É, pois, espontaneamente que ela descreve todas essas coisas. É produto de sua imaginação? Mas ela não é a única: milhares de videntes disseram e dizem a mesma coisa todos os dias, o que a Ciência nem desconfia. Ora, é desse concurso universal de observações que o Espiritismo deduziu a teoria.

Em vão a Ciência buscará a solução desses fenômenos, enquanto fizer abstração do elemento espiritual, pois aqui está a chave de todos esses pretensos mistérios. Que ela admita, ainda que a título de hipótese, e tudo se explicará sem dificuldade.

Observações desta natureza, sobre pacientes como Louise B..., exigem muito tato e prudência. Não se deve perder de vista que, nesse estado de excessiva susceptibilidade, a menor comoção pode ser funesta; a alma, feliz por estar desprendida do corpo, a este se prende apenas por um fio, que um nada pode romper para sempre. Em casos semelhantes, experiências feitas sem cautela podem *matar*.

## Poesias Espíritas

ALFRED DE MUSSET

O Sr. Timothée Trimm publicou, no *Petit Journal* de 23 de outubro de 1865, estrofes que um de seus amigos lhe havia ofertado, como tendo sido ditadas mediunicamente por Alfred de Musset a uma senhora de seu conhecimento, porque a loucura do Espiritismo ganha até os amigos desses senhores, que não ousam publicamente mandá-los para o hospício, sobretudo quando esses amigos são, como no caso, homens de notória inteligência, postos à testa da alta indústria artística. Sem dúvida em atenção a esse amigo, ele não denegriu tanto a procedência desses versos; contentou-se em os enquadrar numa fantasiosa encenação semiburlesca. Entre outras coisas dizia:

“Nada invento; constato. Num castelo dos arredores de Paris, mandaram vir o autor de *Kolla* e de *A taça e os lábios...* a uma mesa. Pediram versos!!!... inéditos. Um secretário espírita sentou-se à carteira encantada; diz ter escrito sob o ditado de um imortal... e eis o que mostrou à assistência.”

Na verdade, esses versos não foram obtidos num castelo dos arredores de Paris, nem por uma mesa, mas pela escrita ordinária; também não haviam chamado Alfred de Musset. Aos olhos do escritor, a idéia de trazer o poeta a uma mesa tinha, sem dúvida, algo de mais trivial em relação ao Espiritismo. Eis como as coisas se passaram.

A Sra. X... é uma mulher do mundo, instruída como todas as que receberam educação, mas absolutamente não é poetisa. É dotada de poderosa faculdade mediúnica, psicográfica e vidente e, em muitas ocasiões, deu provas irrecusáveis da identidade dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio. Tendo ido passar a bela estação com o marido, também fervoroso espírita, num chalezinho em meio às dunas do Departamento do

Nord, uma noite se achava em seu balcão, sob magnífico luar, contemplando a abóbada celeste e a vasta extensão das dunas, num solene silêncio, que só era interrompido pelos ladridos do cão da casa, circunstância a notar, porque dão aos versos um cunho de atualidade. De repente ela se sentiu agitada, como que envolvida por um fluido e, sem desígnio premeditado, foi levada a tomar de uma pena; escreveu de um jacto, sem rasura nem hesitação, em alguns minutos, os versos em questão, com a assinatura de Alfred de Musset, no qual absolutamente não pensava. Nós os reproduzimos na íntegra. Era 1º de setembro de 1865.

Pobre Espírito, eis-te aí, assim,  
Contemplando o dia e a noite, enfim,  
A triste duna,  
Não tendo pra te desfadar,  
Senão esse cão que vem uivar  
À luz da *luna*.

Quando te vejo só e agitada,  
Erguer para a abóbada estrelada  
Úmido olhar,  
Os tristes dias vêm-me à lembrança  
Que eu maldizia sem esperança  
De algo encontrar.

Tal quanto em ti, sofrendo estou certo,  
Em chama neste imenso deserto  
Meu coração;  
Como pérola do mar no fundo,  
Um grito d'alma por todo o mundo  
Busquei em vão.

Para a minha cabeça esfriar,  
Sob o céu da Itália a viajar  
Vivo em seguida;  
Têm-me visto Florença e Veneza,  
Entre moças de colo em nueza,  
Encher a vida.

Por vezes o fraco pescador  
Em me vendo, qual criança, de dor,  
Chorar na praia,  
E parando, cheio de piedade,  
Esquecer as redes que à metade  
O mar espraia.

Pobre menino, vem até nós;  
Pondo-o em seus joelhos com terna voz  
Lhe estanca o choro,  
Te levaremos a teu passeio  
Nas *terras* plenas de bom recreio  
Lá onde eu moro.

Se nestes versos pra ti assim,  
Ainda preso e apesar de mim  
Esta feitura,  
É para sábios que zombam fundo,  
Trazer de minh'alma do outro mundo,  
A assinatura.

*Alfred de Musset*

Publicando esses versos, o *Petit Journal* fez várias alterações que lhes desnaturam o sentido e se prestam ao ridículo. Na primeira estrofe, 6º verso, em vez de: *Au clair de lune*, ele pôs: *Au clair de la lune*, o que estropia o verso e o torna grotesco.

A segunda estrofe foi suprimida, o que rompe o encadeamento da idéia.

Na terceira, 2º verso, em vez de: *Ce grand désert*, que pinta a localidade, pôs: *Le grand désert*.

Na sexta, 5º verso, em vez de: *Dans les terres pleines d'amour*, que tem sentido, pôs: *Dans les serres pleines d'amour*, que não o tem.

Tendo sido pedidas essas retificações, é lamentável que o *Petit Journal* se tenha recusado a inseri-las. Entretanto, o autor do artigo disse: “Nada invento; constato.”

A propósito do romance do Sr. Théophile Gautier, intitulado *Espírita*, o mesmo Espírito ditou ao médium as estrofes seguintes, no dia 2 de dezembro de 1865:

Eis-me aqui outra vez. Embora ter, Senhora,  
Jurado aos deuses que não rimaria mais.  
É muito triste ofício o que imprimir faz  
As obras de um autor que vem do além agora.

Fui para longe de vós, mas, Espírito afável  
Arrisca-se a falar de nós com almo sorriso.  
Eu penso que ele sabe além do que é preciso,  
E que tenha encontrado a sua alma agradável.

Uma alma do outro mundo! É estranho realmente;  
Eu mesmo já me ri quando aí me encontrava;  
Porém ao informar que não acreditava,  
Teria a me salvar um anjo clemente.

Que amado eu o teria, à noite, na janela,  
Apoiada na mão a fronte em palidez,  
Quando a sondar, em pranto, esse *grande talvez*,  
Do espaço a percorrer a fúlgida aquarela!

Amigos, que esperais de um século sem crença?  
Quando espremerdes pois vosso mais belo fruto,  
O homem sempre achará seu tumular reduto  
Se, para o sustentar, a esperança é indefensa.

Mas meus versos, dirão, para eles não são.  
Que me importa, aliás, a censura é vulgar!  
Disso quando era vivo, eu não quis me ocupar;  
Hoje, eu riria, enfim, com mais forte razão.

*Alfred de Musset*

Eis a opinião sobre estes versos de um dos redatores do *Monde illustré*, Sr. Júnior, que não é espírita. (Vide o *Monde illustré* de 16 de dezembro de 1865).

“O Sr. T. Gautier recebeu de uma senhora uma poesia assinada por Alfred de Musset, e que se poderia intitular: *A uma dama espírita, que me havia pedido versos para o seu álbum*. Evidentemente aquela dama pretendia, já que se trata de Espiritismo, de ter sido a intermediária, o médium obediente, cuja mão traçou os versos, ditados por Alfred de Musset, morto já há alguns anos.

“Até aí tudo muito simples, porque, desde que se perscruta o infinito, todos os que acreditam no Espiritismo se voltam para vós e vos inundam de comunicações mais ou menos interessantes. Mas os versos assinados por Musset são tais que, aquele ou aquela que os traçou é um poeta de primeira ordem. É o jeito de Musset, sua linguagem encantadora, sua desenvoltura de cavalheiro, seu charme e seu estilo gracioso. Não é excessivo como o pastiche, não é intencional nem forçado; e se pensais que um mestre como T. Gautier se engana, é preciso que o quadro seja admiravelmente imitado. O lado curioso é que o honrado Sr. Charpentier, editor das obras completas de Musset, ao qual mandaram ler esses versos encantadores, que espero em breve vos comunicar, pôs-se a gritar: ‘Pega o ladrão!’

“Por certo presumis que não creio numa só palavra de tudo quanto narram os Allan Kardec e os Delaage, mas isto me perturba e me irrita; vejo-me constrangido a supor que esses versos são inéditos, são do poeta das *Noites* – o que é muito admissível, porque, enfim, sob que pretexto a dama em questão teria estes versos em sua gaveta? – ou então um poeta legítimo teria inventado esta mistificação, e os poetas não perdem assim as suas cópias. Qual, então, a solução possível? – Ouço daqui um homem *prático* dizer-me: ‘Meu caro senhor, quereis uma solução? Ela está em

vossa imaginação, que exagera o alcance e a excelência desses versos; eles são bonitos e nada mais; e o primeiro médium um pouco pedante que conhece bem o seu Musset, fará outro tanto.”

Senhor homem prático, tendes razão; isto ocorre em noventa e nove por cento dos casos. Mas se soubésseis a que ponto tenho o sangue-frio! Li esses versos, mas ainda não lhos posso mostrar; li, reli ainda, e garanto que o próprio Gautier, o grande lingüista, o grande escultor do *Poema da mulher*, não faria melhor Musset que este.”

*Observação* – Há uma circunstância que o autor não leva em conta, e que tira toda possibilidade de que tais versos tenham sido feitos por Musset em vida: são as atualidades e as alusões às coisas presentes. Quanto ao médium, nem é poetisa, nem mulher pedante e, além disso, sua posição no mundo afasta qualquer suspeita de fraude.

## O Espiritismo tem Lugar Reservado na Filosofia e nos Conhecimentos Usuais

Neste momento publica-se importante obra que interessa à Doutrina Espírita no mais alto grau, e cuja análise do seu prospecto nos fará melhor conhecê-la.

“**Novo Dicionário Universal**, panteão literário e enciclopédia ilustrada, por *Maurice Lachâtre*, com o concurso de cientistas, artistas e escritores, conforme os trabalhos de *Allan Kardec, Ampère, Andral, Arago, Audouin, Balbi, Becquerel, Berzelius, Biot, Brongnard, Burnouf, Chateaubriand, Cuvier, Flourens, Gay-Lussac, Guizot, Humboldt, Lamartine, Lamennais, Laplace, Magendie, Michelet, Ch. Nodier, Orfila, Payen, Raspail, de Sacy, J. B. Say, Thiers, etc., etc.*

Dois magníficos volumes in-4<sup>o</sup> grande, de três colunas, ilustrados com vinte mil figuras, gravadas em madeira, intercaladas no texto. – Dois fascículos semanais, de 10 centavos cada. – Cada fascículo contém 95.768 letras, isto é, matéria da metade de um volume in-8<sup>o</sup>. A obra contém 200 fascículos por volume e não custará mais que 40 francos. Esta obra, o mais gigantesco empreendimento literário de nossa época, contém a análise de mais de 400.000 obras, e pode ser considerada, com justiça, como o mais vasto repertório de conhecimentos humanos. O *Novo Dicionário Universal* é o mais exato, o mais completo e o mais progressivo de todos os dicionários, o único que abarca em seus desenvolvimentos todos os dicionários especiais da língua usual, da linguagem poética, dos sinônimos, da linguagem antiga, das dificuldades gramaticais, da teologia, das religiões, seitas e heresias, das festas e cerimônias de todos os povos, da mitologia, do magnetismo, do Espiritismo, das doutrinas filosóficas e sociais, da história da biografia, das ciências, da Física, da Química, da História natural, da Astronomia, das invenções, da Medicina, da Geografia, da marinha, da jurisprudência, da economia política, da franco-maçonaria, da agricultura, do comércio, da economia doméstica, do governo doméstico, etc., etc. – Paris, *Docks de la librairie*, boulevard Sébastopol.”

Esta obra conta no momento vinte mil subscritores.

Devemos fazer notar, inicialmente, que se o nosso nome se acha à testa dos autores, cujas obras foram consultadas, foi a ordem alfabética que assim o quis, e não a preeminência.

Todos os termos especiais do vocabulário espírita se acham nesse vasto repertório, não como uma simples definição, mas com todos os desenvolvimentos que comportam, de sorte que seu conjunto formará um verdadeiro tratado do Espiritismo. Além disso, toda vez que uma palavra possa levar a uma dedução filosófica, a idéia espírita é cotejada, como ponto de comparação.

Concebida num espírito de imparcialidade, a obra não apresenta a idéia espírita, nem qualquer outra, como verdade absoluta; deixa livre o leitor para aceitá-la ou rejeitá-la, mas dá a este os meios de apreciá-la, apresentando-a com escrupulosa exatidão, e não truncada, alterada ou prejudgada. Limita-se a dizer: sobre tal ponto uns pensam de tal maneira; o Espiritismo o explica de outro modo.

Um dicionário não é um tratado especial sobre uma matéria, no qual o autor desenvolve sua opinião pessoal; é uma obra de pesquisas, destinado a ser consultado, e que se dirige a todas as opiniões. Se aí se procura uma palavra, é para saber o que realmente significa e não para ter a apreciação do redator, que pode ser justa ou falsa. Um judeu e um muçulmano devem nele encontrar a idéia judaica ou muçulmana reproduzida exatamente, o que não implica em esposar essa idéia. O dicionário não tem de decidir se ela é boa ou má, absurda ou racional, porque o que é aprovado por uns, pode ser censurado por outros; apresentando-a na sua integralidade, não lhe assume a responsabilidade. Se se tratar de uma questão científica, que divide os sábios, por exemplo, da homeopatia e da alopatia, ele tem por missão dar a conhecer os dois sistemas, mas não preconizar um em detrimento do outro. Tal deve ser o caráter de um dicionário *enciclopédico*; só nesta condição deve ser consultado com proveito, em todos os tempos e por todo o mundo. Com a universalidade ele adquire a perpetuidade.

Tal é, e tal deveria ser o sentimento que presidiu a parte que concerne ao Espiritismo. Que os críticos emitam sua opinião em obras especiais, nada melhor; é seu direito. Mas um dicionário é um terreno neutro, onde cada coisa deve ser apresentada sob suas verdadeiras cores, e onde se deve poder colher toda espécie de informações, com a certeza de aí encontrar a verdade.

Em tais condições, tendo o Espiritismo achado lugar numa obra tão importante e tão popular quanto o *Novo Dicionário Universal*, tem lugar reservado entre as doutrinas filosóficas e os

conhecimentos habituais; seu vocabulário, já aceito pelo uso, recebeu sua consagração e, doravante, nenhuma obra do mesmo gênero poderá omiti-lo sem ser incompleto. Aí está ainda uma das produções do ano de 1865, que o Sr. vice-presidente Jaubert esqueceu de mencionar na sua lista de resultados deste ano.

Corroborando as observações acima, e como amostra da maneira pela qual as questões espíritas são tratadas nesta obra, citaremos a explicação que se acha no verbete **alma**. Depois de haver desenvolvido longamente, imparcialmente as diferentes teorias da alma, segundo Aristóteles, Platão, Leibniz, Descartes e outros filósofos, que não podemos reproduzir por causa de sua extensão, o artigo termina assim:

“**Conforme a Doutrina Espírita**, a alma é o princípio inteligente que anima os seres da Criação e lhes dá o pensamento, a vontade e a liberdade de agir. Ela é imaterial; individual e imortal; mas sua essência íntima é desconhecida; não a podemos conceber de modo algum isolada da matéria, senão como uma abstração. Unida ao envoltório fluídico etéreo ou *perispírito*, ela constitui o *ser espiritual* concreto, definido e circunscrito chamado *Espírito* (Vide *Espírito*, *perispírito*). Por metonímia, muitas vezes empregam-se as palavras *alma* e *Espírito* uma pela outra; diz-se: as almas sofredoras e os Espíritos sofredores; as almas felizes e os Espíritos felizes; evocar a alma ou o Espírito de alguém; mas a palavra *alma* desperta antes a idéia de um princípio, de uma coisa abstrata, e a palavra *Espírito* a de uma individualidade.

“Unido ao corpo material pela encarnação, o Espírito constitui o *homem*, de modo que no homem há três coisas: a *alma* propriamente dita, ou princípio inteligente; o *perispírito*, ou envoltório fluídico da alma; o *corpo*, ou invólucro material. Assim, a alma é um ser simples; o Espírito um ser duplo, composto da alma e do perispírito; o homem, um ser triplo, composto da alma, do perispírito e do corpo. Separado do Espírito, o corpo é uma

matéria inerte; separado da alma, o perispírito é uma matéria fluídica, sem vida e sem inteligência. A alma é o princípio da vida e da inteligência; foi, pois, equivocadamente que algumas pessoas pretenderam que, dando à alma um envoltório fluídico semimaterial, o Espiritismo dela fazia um ser material.

“A origem primeira da alma é desconhecida, porque o princípio das coisas está nos segredos de Deus, e porque não é dado ao homem, no seu atual estado de inferioridade, tudo compreender. Sobre este ponto só se podem formular sistemas. Segundo uns, a alma é uma criação espontânea da Divindade; segundo outros, é a própria emanção, uma porção, uma centelha do fluido divino. Eis um problema sobre o qual não se podem estabelecer senão hipóteses, pois há razões a favor e contra. À segunda opõe-se, todavia, esta fundada objeção: Sendo Deus perfeito, se as almas fossem porções da Divindade, deveriam ser perfeitas, em virtude do axioma de que a parte é da mesma natureza que o todo; desde então, não se compreenderia que as almas fossem imperfeitas e tivessem necessidade de se aperfeiçoar. Sem se deter nos diversos sistemas relativos à natureza íntima e à origem da alma, o Espiritismo a considera na espécie humana; constata, em razão de seu isolamento e de sua ação independente da matéria, durante a vida e depois da morte, sua existência, seus atributos, sua sobrevivência e sua individualidade. Sua individualidade ressalta da diversidade que existe entre as idéias e as qualidades de cada uma no fenômeno das manifestações, diversidade que para cada uma acusa uma existência própria.

“Um fato não menos capital ressalta igualmente da observação: é que a alma é essencialmente progressiva e adquire incessantemente, em saber e em moralidade, pois que são vistas em todos os graus de desenvolvimento. Segundo o ensino unânime dos Espíritos, ela é criada *simples e ignorante*, isto é, sem conhecimentos, sem consciência do bem e do mal, com igual aptidão para um e para outro e para tudo adquirir. Sendo a Criação incessante e para

toda a eternidade, há almas chegadas ao topo da escala, enquanto outras surgem para a vida; mas, tendo todas o mesmo ponto de partida, Deus não cria umas melhor dotadas que outras, o que é conforme à soberana justiça. Presidindo uma perfeita igualdade à sua formação, elas progridem mais ou menos rapidamente, em virtude de seu livre-arbítrio e conforme o seu trabalho. Assim, Deus deixa a cada uma o mérito e o demérito de seus atos, e a responsabilidade cresce à medida que se desenvolve o senso moral. De sorte que, de duas almas criadas ao mesmo tempo, uma pode chegar ao objetivo mais depressa que a outra, se trabalhar mais ativamente por sua melhoria; mas as que ficaram na retaguarda chegarão igualmente, embora mais tarde e depois de rudes provas, porque Deus não interdita o futuro a nenhum de seus filhos.

“A encarnação da alma num corpo material é necessária ao seu aperfeiçoamento; pelo trabalho necessário à existência corporal, desenvolve-se a inteligência. Não podendo adquirir, numa única existência, todas as qualidades morais e intelectuais que a devem conduzir ao objetivo, ela aí chega passando por uma série ilimitada de existências, quer na Terra, quer em outros mundos, em cada uma das quais dá um passo na via do progresso e se despoja de algumas imperfeições. Em cada existência traz a alma o que adquiriu nas existências precedentes. Assim se explica a diferença existente nas aptidões inatas e no grau de aditamento das raças e dos povos (Vide *Espírito, reencarnação*).”

*Allan Kardec*